

**A BUSCA DO PARAÍSO MITOLÓGICO PELA CULTURA
INDÍGENA GUARANI E AFRO-AMERICANA**

**SEARCH FOR THE MYTOLOGICAL PARADISE BY
THE GUARANI AND AFRO-AMERICAN'S NATIVE**

Raquel Pereira Bittencourt

Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE / PR)

E-mail: raquelpbittencourt@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o nomadismo ou semi-nomadismo (na ótica do branco) ou migração (na visão do índio) da etnia tribal conhecida como guarani, que tenciona buscar a “Terra do sem Mal” em comparação com o mito dos afro-descendentes oriundos do Caribe, Estados Unidos e América, sobre o “Africano Voador”, que pretendem um retorno à África. Os mitos giram em torno do encontro da terra prometida, tanto por índios, quanto por afro-descendentes, com nomes e circunstâncias diferentes, mas com o mesmo ideal. O principal objetivo é demonstrar a aparente dicotomia entre os dois mitos e a ocorrência de modificação das características culturais do texto de partida em função dos interesses da cultura de chegada, que por sua tradição oral, foram se modificando com o passar dos tempos. A análise será realizada a partir dos pressupostos defendidos pelos escritores afro-descendentes e indígenas.

Palavras-chave: Guarani. Terra do Sem Mal. Africano Voador.

ABSTRACT

This work takes the nomadic as an object of study or semi-nomadic (in the point of view of the white) or migration (in the point of view of the Indian) of the tribal etnia known like guarani, which it intends to look for the “Land of without evil” in comparison with the myth of the afro-descendants originating from the Caribbean, the United States and America, on the “Flying African” and what intend, a return to Africa. The myths revolve around the meeting

of the Promised Land, for Indians and for afro-descendants, however with names and different circumstances, but with the same ideal. The principal objective is to demonstrate the apparent dichotomy between two myths and the incident of modification of the cultural characteristics of the text of departure in function of the interests of the culture of arrival, which for his oral tradition, were if modifying in spite of spending the times. The analysis will be carried out from the presuppositions defended by the afro-descending and native writers.

Key-words: Guarani. Land of Without Evil. Flying African.

1 INTRODUÇÃO

Em princípio, os afro-americanos e os indígenas guaranis brasileiros não teriam qualquer elo comunicativo, seja pelo ponto de vista religioso ou pelo aspecto lendário, não fosse a busca constante de um paraíso mitológico, localizado além-mar e vislumbrado por esses dois povos distintos. Estes grupos étnicos têm alguma comunhão apenas quando se fala de tribos indígenas africanas e tribos indígenas brasileiras compostas por sujeitos autóctones (habitantes originais de determinado local). Mas, entre si e fora da cultura originária, tornam-se aparentemente diferentes e somente se unem através da mitologia. Também dentro de cada grupo, há várias etnias (tanto africanas, como indígenas), pois diferentemente do que a maioria da sociedade externa acredita, ambas as culturas possuem diversidades etnológicas. Neste artigo, fala-se especificamente sobre um povo indígena brasileiro, os guaranis, e sobre o povo afro-americano. O primeiro por sua constante busca pela “Terra dos sem Males”, ou paraíso extraterrestre e o segundo (oriundos do Caribe, Estados Unidos e América) pela busca de retorno a uma África mítica, através da lenda “O Africano Voador”.

No século XIX, os guaranis Mbya aparecem na literatura com o nome genérico de Caingua ou Kayguá. Três grupos de guaranis descendem dos Kaiguás que são os Mbyá, Xiripá e Paim. Na época da colonização escapam dos jesuítas e conservam sua autonomia ao se estabelecerem em um território que, durante muito tempo, permaneceu inacessível. Daí a denominação de Caaiguás ou Cainguás (*gente da floresta*) que lhes foi atribuída. A história dos guaranis remonta ao século XVI e carrega o estigma de “índios aculturados” em virtude do uso de roupas, bens e alimentos industrializados. Por muito tempo, a sociedade externa os

considerou índios errantes ou nômades, estrangeiros (do Paraguai ou Argentina). Avessos em brigar por terra, a idéia difundida entre os brancos foi de que eles não precisavam de terra, pois nem "lutavam" por ela. Desta forma, os interesses fundiários e econômicos especulativos foram favorecidos e descaracterizou-se a ocupação territorial guarani negando-lhes, sistematicamente, o direito à terra.

Através de dados levantados na última década, o povo guarani no Brasil (e fora dele) divide-se em quatro subgrupos: os Kaiowá ou Kaiuá no Mato Grosso do Sul; os Nhandeva ou Avá Guarani no Mato Grosso do Sul e no oeste do Paraná; os Mbyá no Paraguai, norte da Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo e Pará; e os Tupi-Guarani no oeste e no litoral paulista. Existe uma dificuldade relativa em quantificar os guaranis, porque para eles não existem fronteiras, e, portanto, estão sempre em uma intensa mobilidade visitando parentes, fazendo intercâmbios entre si, casamentos e rituais. A rede de parentesco é imensa e se estende por todas essas regiões, independentemente de estarem no Brasil ou fora dele, pois, na concepção deles, as fronteiras foram inventadas pelo branco (Juruá). Para preservar suas tradições e se relacionarem com a sociedade dominante, os guaranis foram tolerantes e diplomáticos, mesmo que perseguidos cultural e fisicamente, garantindo a continuação dos costumes e tradições, além da reprodução da etnia. Em relação ao idioma, o guarani pertence à família Tupi-Guarani do tronco lingüístico Tupi. No Brasil, não houve continuidade da língua geral, mas no Paraguai o guarani ainda hoje é uma língua oficial, paralela ao espanhol. A transmissão oral é o método mais utilizado na educação das crianças, na divulgação de conhecimentos e na comunicação interna entre aldeias, constituindo-se no mais forte elemento de sua identidade (manter o idioma vivo e pleno). Atualmente, há poucos representantes guaranis que falam português com certa fluência e poucos escritores que se aventuram a contar a mitologia guarani de uma forma mais eloqüente. Os velhos, mulheres e crianças na maioria são monolíngües. A forma escrita na realidade é um fenômeno recente (1980) e foi sendo introduzido gradativamente desde 1997, com a implantação de escolas bilíngües e da criação de Núcleos de Educação Indígena, vinculados ao MEC.

Sobre os afro-descendentes, Stuart Hall (2003, p. 31) explica que, no continente onde tudo se originou “o termo ‘África’ é, em todo caso, uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo ponto de origem comum situa-se no

tráfico de escravos”. Os africanos de um modo geral foram dispersos em quase todos os locais do globo, mais ou menos entre o século dezesseis e o século dezenove. Como escravos chegaram primeiramente ao Caribe, foram dispersos para a América do Norte e depois para a América do Sul, em que o Brasil se destacou. O início da colonização dos Estados Unidos ocorreu em 1619, quando os primeiros afro-descendentes chegaram a Jamestown. Hall (2003) e muitos outros teóricos empregam o termo diáspora para definir esta dispersão dos negros pelo continente, um termo emprestado dos escravos judeus bíblicos, que foram escravos no Egito. Geralmente, a diáspora simboliza a expulsão violenta de um determinado grupo da terra natal, em que o sonho de retorno para a terra-mãe se estabelece e há um esforço da coletividade em adaptar-se à cultura do colonizador através de várias gerações, apesar das diferenças que a própria diáspora exerce sobre o grupo no que concerne à religião, etnia e raça da pátria que os recebeu. Desta problemática deportação e escravidão da África para muitos continentes, surgiram os afro-descendentes que, em um primeiro momento, tornaram-se subjugados ao branco. Houve muitos que rejeitaram esta submissão, mas a maioria assimilou os costumes europeus.

Ao discutir o que é ser afro-descendente, Appiah (1997, p. 246), escritor negro diz: “essa identidade é de um tipo que devemos continuar a reformular. Ao refletir sobre como havemos de reformulá-la, seria bom nos lembrarmos de que a identidade africana é, para seus portadores, apenas uma dentre muitas”. O que o escritor diz é que os povos se tornaram mestiços e, portanto, das várias etnias que se misturam, ser afro-descendente é apenas mais uma identidade no meio da diversidade em que se encontram. Ou seja, ao chegarem em outras terras e ao se misturar, os negros começaram a formar outra identidade, quer por pressão ou por vontade própria, criando um povo duplo em si mesmo. O afro-descendente, independente do país em que esteja, além de africano, é produto da adição, também, do povo que se misturou a ele.

Entretanto, para os antigos africanos e conseqüentemente para os filhos destes, o retorno ao antigo continente de onde foram brutalmente arrancados sempre esteve em suas memórias. A aspiração de alguns era tão forte, que formularam lendas e mitologias, as quais aparentemente nada tem haver com as dos índios, no entanto, ver-se-á a seguir, que estes povos se aproximam de uma forma singular.

2 DOIS POVOS DIFERENTES: ASPIRAÇÕES SEMELHANTES

2.1 O GUARANI E A BUSCA DA TERRA DOS SEM MALES (*YVY MARÃ EY*)

Yvy mara ey significa “Terra dos sem Males” ou “Terra do sem Mal” em português. Segundo a lenda, nesta terra não haveria doenças e muito menos guerras. Na tentativa de preservar sua cultura e manter a tradição, o guarani tem seu “*nanderekó*” (modo de ser) e a sua obstinada procura pela Terra do sem Mal. Os pajés foram predominantemente os divulgadores e articuladores do movimento para alcançar a Terra dos sem Males, e se tornou um dos principais instrumentos de resistência do povo guarani contra a colonização portuguesa e espanhola. Por ser um povo de tradição oral (como a maioria dos indígenas), a historicidade torna-se sinônimo do imaginário para criar respostas coerentes à existência do grupo. Não se tem a solução exata para o encontro dos índios que aqui estavam antes do descobrimento. Segundo Von Martius (1987, p. 98) “os ancestrais dos guaranis teriam descido dos Andes em direção à planície oriental”. Desde os primórdios da humanidade, os índios se deslocam de um lugar ao outro, firmando, entre os brancos, uma imagem de nômades e, conforme já mencionado, para o índio essa máxima é falsa, porque não há fronteiras para eles. Esta infinita movimentação indígena tem por objetivo a busca pelo paraíso terrestre (Terra dos sem Males), que é comentada em muitas literaturas desde o século XIX, até os dias atuais. Não se sabe ao certo se esse povo teve influência pagã oriental ou se sofreram influências religiosas cristãs ocidentais para a concepção desta idéia, entretanto, o fato é que os movimentos migratórios deste grupo sempre foram voltados para o leste, onde, segundo sua mitologia, ao atravessar o mar, encontrariam a Terra do sem Mal.

Mas como chegar até essa tão sonhada Terra do sem Mal? Segundo Curt Nimuendaju Unkel (1987, p. 95) “esperaram a salvação do ameaçador fim do mundo, através da fuga para a ‘Terra do sem mal’. O medo de uma inundação de proporções monumentais, profetizadas pelos Xamãs, fazia com que migrassem do interior para as orlas marítimas. E ainda, conforme relato do autor, os pajés portadores da vontade divina diziam que “tornar o corpo leve mediante o jejum e a dança, com que este pode ascender ao zênite e ingressar no paraíso pelos portais celestes (*yváy roquẽ*), e chegar a *Ñanderyquey*” (UNKEL, 97). Ou seja, através da dança e do jejum transcenderiam o nível material e iriam para o plano espiritual.

2.2 O AFRICANO E O RETORNO AO LAR

Assim como os indígenas, os africanos tinham em mente, mitologicamente falando, um retorno ao lar localizado além-mar, um desejo inconsciente de retorno para o país de onde foram arrancados, escravizados e usurpados de seus direitos como seres humanos. Neste ponto, as lendas dos índios guaranis intertextualizam e se assemelham às lendas africanas. No texto de Wendy W. Walters (1997) “*The legend of the Flying Africans and Diasporic consciousness*”¹ é discutida a lenda do Africano Voador. Há uma série de fatos que ligam estes dois povos no que concerne à resistência ao opressor, ficando patente o porquê de muitas tribos indígenas e negros fugidos fundarem comunidades na época do Brasil Colônia. Nos quilombos existentes na atualidade, muitos descendentes de índios e negros convivem tranquilamente e originaram uma terceira miscigenação do povo, chamada cafuzo.

Entretanto, no caso específico dos afro-descendentes, existe uma dualidade, dupla consciência de Dubois, em suas personalidades. O afro-descendente americano é africano, mas também é americano. Tratando-se da questão de retorno às origens, que remete diretamente à África, se faz um questionamento sobre a percentagem de África como terra materna existente em cada descendente. Há uma grande diferença entre os africanos que foram capturados na África e os escravos que nasceram em outros solos e seus descendentes, pois os primeiros mantinham a memória de “casa”. O artigo de Walters (1997) tenta reavivar, nos descendentes, a memória da lenda criada pelos africanos ancestrais, que vieram morar antes deles em solo americano. No início do artigo, pôde-se notar a parte de um hino evangélico que diz “one of these mornings, bright and fair, take my winds and cleave the air”², uma alusão indireta à lenda do “Africano Voador”, baseada na oralidade e conservada em hinos evangélicos (gospel), cujos ritmos são clássicos negros: *blues* ou *jazz*. Em relação aos indígenas, de modo geral, há uma aproximação no que diz respeito à historicidade ser totalmente baseada nos contadores de história anciãos. Estes passam os ensinamentos adiante através da narração dos mitos e fatos acontecidos no passado e mantém a tradição da procura da “Terra dos sem Males”.

2.3 A FUSÃO MITOLÓGICA DE DOIS DIFERENTES

Existem dois aspectos interessantes entre as duas etnias aqui mencionadas. O primeiro deles é alcançar o paraíso em vida através de um voo mágico de um ou mais elementos da comunidade. Alguns guaranis acreditavam que conseguiriam andar por sobre o

mar, mas outros acreditavam que toda a comunidade seria “arreatada” até a Terra do sem Mal. Unkel (1987, p. 103) transcreve a fala de um guarani, que contava:

[...] erguiam uma casa de dança e começavam seriamente a dança com o objetivo de atingir o “Yvy Mara ey” através da água. Então nosso pai caminha por cima (pelo ar), seus discípulos seguem pela terra e a água está seca para eles [...]; outros acreditavam que, uma vez que o corpo tivesse ficado suficientemente leve, eles se elevariam juntamente com o seu líder ou mesmo com toda a casa de dança e desceriam no “Yvy Mara ey”.

Geralmente, quando uma história é recontada, há certa variação entre as narrativas em decorrência do período de tempo do acontecido, do espaço e do local. Portanto, é claro que em cada lugar ocupado por guaranis, ou mesmo por africanos, as histórias contadas na oralidade tendem a mudar. No caso da lenda do Africano Voador, segundo Walters (1997, p. 03), existem mais de vinte e sete variantes, mas a essência é a mesma, voltar para a África voando através das palavras mágicas “Kum...yali, kum buba tambe”. O segundo aspecto interessante entre os dois povos é que, para se conseguir chegar ao paraíso voando, é necessário abster-se de comer sal. No caso dos guaranis, muitos perderam a esperança de conseguir chegar até a Terra do sem Mal porque,

longe de duvidar da existência deste paraíso e de considerar que o fato era impossível em si, eles explicam sua limitação argumentando que seu corpo adquiriu um peso invencível devido ao consumo de alimentos europeus (sal, carne de animais domésticos, cachaças, etc.) bem como pelo uso de vestimentas européias. O último que não só pregava aos seus discípulos abstinências dessas coisas, como ele próprio não as consumia, foi o pajé Guyracámbi (UNKEL, 1987. p. 104).

Porém, o autor afirma que muitos deles ainda crêem que possam chegar até a Terra do sem Mal e lá comerão apenas pão doce, milho e bananas amarelas. Egon Schaden (1974, p. 161) narra a Terra do sem Mal da seguinte forma “os guaranis imaginam a Terra sem Males como terra ideal, em que se realizam os desejos que neste mundo não são satisfeitos”. Este estudioso classificou a lenda dentro de cada subgrupo guarani, com suas várias nuances, e pela extensão da pesquisa do escritor, sugerimos que os leitores adquiriam um exemplar do livro, no qual se baseia esta análise.

Para o africano, a ingestão do sal significa perder o poder de retornar à África voando. Walters (1997) cita vários autores da Jamaica, Caribe, Estados Unidos, entre outros, e afirma “All of these tales involve abstinence from salt”³. Ou seja, para muitos dos autores, não comer sal significa ter o poder de voar e retornar para a África através de palavras mágicas. Esta lenda ficou tão arraigada na mente dos africanos, que o autor cita Montejo (In: WALTERS, 1997, p. 03) para descrever a força deste mito: “It was living men who flew

(back to Africa) from a tribe the Spanish stooped importing as slaves because so many of them flew away that it was bad for business”⁴.

Para finalizar o pensamento em relação às semelhanças entre esses povos, há de se fazer uma observação sobre a atitude de alguns deles de não comer sal, de não se tornarem brancos e de permanecer nas origens. Walters (1997) cita Schuler em seu artigo *to become too much like Europeans*: “so in Jamaica to resist eating salt may have been a metaphor for resistance to foreign ways (including Christian conversion). Thus, only those who were faithful to African ways were worthy to return to Africa”⁵ (WALTERS, 1997, p. 03). Ou seja, não comer sal era não se esquecer das origens e este pensamento se estende também aos indígenas, que até os dias atuais, (alguns) resistem em não comer comida de branco.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os guaranis são, dos indígenas, o povo mais estudado por antropólogos, historiadores e estudiosos em geral. Considerados nômades, o que ocorre de fato é a cultura que estes povos têm de transitar entre suas comunidades, procurando o ajustamento de alianças políticas, casamentos, entre outros. Esta intensa movimentação do povo guarani dificulta, sobremaneira, a integração cultural do grupo. O resultado, segundo Schaden (1974, p. 1) é “a diversidade dos dialetos, das crenças e práticas religiosas, de constituição psíquica e mesmo da aparência física (que) serve de motivo para cada bando afirmar a todo o momento a sua pretensa superioridade sobre os demais”. Porém, esta é uma visão do branco em relação ao índio, interessante é saber a visão do índio de si mesmo e de sua comunidade, como relata Manzatti (2007, p. 03) ao transcrever o depoimento do índio Roque Timóteo à antropóloga Maria Dorothea Post Darella:

uma pessoa do povo guarani não tem na cabeça os mesmos conceitos que o juruá, daí a necessidade de se ter clareza da cosmovisão desta etnia. Para um Guarani é absolutamente incognoscível a idéia de fronteira. Eles não se dizem gaúchos, catarinas, paranaenses, paulistas, capixabas, matogrossenses, uruguaios ou bolivianos. São Guarani e circulam por Ywy Rupa, como eles denominam o território Guarani. "Para você eu nasci no país Argentina. Para mim não, para mim não tem só um Paraguai, tudo isso aqui é mundo Paraguai. Tudo é Paraguai, porque nós não temos bandeira, não temos color [cor]. E para mim Deus deixou tudo livre, não tem outro país. Tem Paraná, tem quantas partes o Rio Grande. Do outro lado já é outro país, mas para mim não tem outro país, é só um país. Quando uma criança nasce aqui no Brasil, nasce lá no Paraguai. Quando nasce no Paraguai, ela nasce aqui também. Só um país. É igual. [...] Compreender isso é entender a alma Guarani.

Entretanto, no momento, apesar das não-fronteiras, os guaranis concentram-se em ter um lugar para que possam viver, mantendo sua tradição, religião, leis, cultura, comportamento e costumes. Vivem em aldeias demarcadas pelo governo e ainda continuam tutelados por este. Para não perderem as lendas de narrativa oral, os dois povos estão conquistando espaços para externar anos de privação na atualidade, em que os estudos de alteridade (da relação com o outro) estão cada vez mais arraigados entre as academias. Com essa abertura, para a cultura dita “periférica” e “híbrida”, as literaturas indígenas e africanas conseguiram inserir-se como outra vertente nos espaços que antes eram apenas das culturas “eruditas”, permitindo voz aos que antes eram oprimidos.

Muitos escritores africanos como Toni Morrison, Paule Marshall e Stuart Hall (1998) encabeçam esta nova transformação na literatura canônica afro-americana. No Brasil, em especial, Olívio Jekupé (Guarani, 2005), Eliane Potiguara (Potiguara, 2004), Daniel Munduruku (Munduruku, 1964), entre outros, têm conseguido levar adiante a fala dos indígenas em geral.

Faz-se necessária, então, uma reflexão em termos humanos, que consiste em repensar as diferenças e preconceitos. Somos realmente tão diferentes assim?

NOTAS

- ¹ “A Lenda do Africano Voador e a consciência diaspórica” (1997) – Tradução livre.
- ² “Numa dessas manhãs, luminosa e justa, pegue minhas asas e parta no ar” – Tradução livre.
- ³ Está envolvida em todos esses contos, a abstinência do sal – Tradução minha (livre).
- ⁴ Eram homens que voaram vivos (retornando para a África), de uma tribo da Espanha que parou de importar escravos, porque eram muitos deles que voavam retornando e isso era ruim para os negócios - Tradução minha (livre).
- ⁵ “se tornaram muito europeus. Assim na Jamaica resistir a comer sal, pode ter sido uma metáfora para a resistência aos modos estrangeiros (inclusive a conversão Cristã). Assim, só estes que eram fiéis aos costumes africanos eram merecedores para voltar à África” Tradução minha (livre).

REFERÊNCIAS

APPIAH, Anthony. *Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

_____. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Brasília: Editora UFMG, 2003.

JEKUPÉ, Olívio. *Arandu yman guaré*. São Paulo: Editora Cultural, 2005.

_____. *Verá o contador de histórias*. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

MANZATTI, Marcelo. *Ywy rupa: a territorialidade guarani*. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/blogs/ywy-rupa-a-territorialidade-guarani>. Acesso em 14 de maio de 2007.

MUNDURUKU, Daniel. *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*. São Paulo: Fundação Períópolis, Petrópolis, 1964.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.

UNKEL, Curt Nimuendaju. *As lendas da criação e destruição do mundo – como fundamentos da religião dos apapocúva-guarani*. São Paulo: Hucitec, 1987.

WALTERS, Wendy W. The Legend of the flying Africans and diasporic consciousness. (Folklore as a foundation for literature). *MELUS – The journal of the society for the study of the multi-ethnic literature of the United States*. V. 22, n. 3, 1997, p. 3.